

Escola italiana de Pelotas/RS (1889 – 1910): apontamentos acerca da cultura escolar

Italian School of Pelotas/RS (1889 - 1910): notes on school culture

Renata Brião de Castro¹

Resumo

O objetivo do presente texto é analisar um conjunto de atividades e exercícios escolares oriundos da escola italiana de Pelotas entre os anos de 1889 a 1910. Na abordagem teórica, serão utilizadas pesquisas que discutem a imigração e as escolas italianas a partir de uma perspectiva ampla que faz uso dos conceitos de transnacional, da *histoire croisée* e da cultura escolar, dentro da perspectiva metodológica da análise documental. Como resultado, foi possível perceber alguns elementos significativos nas fontes como a relação estabelecida entre escola e identidade italiana, a impulsão ao sentimento de *italianità*, bem como a integração dos dois idiomas, italiano e português, nas atividades analisadas.

Palavras-chave: imigração italiana, cultura escolar, transnacional.

Abstract

The purpose of this text is to analyze a set of school activities and exercises from the Italian school in Pelotas between the years 1889 to 1910. In what concerns the theoretical approach, research that discuss immigration and Italian schools will be used, from a broad perspective that adopts concepts of transnational and *histoire croisée*, within the methodology of document analysis. As a result, it was possible to perceive some significant elements in the sources such as the relationship established between school and Italian identity, the impulse to the feeling of *italianità*, as well as the integration of the two languages, Italian and Portuguese, in the analyzed activities.

Keywords: Italian immigration, school culture, transnational.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPel) com período sanduíche na Università degli Studi del Molise (Itália). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: renatab.castro@gmail.com

Introdução

A migração das populações insere-se no passado e também no presente da humanidade. Indivíduos, grupos, inclusive comunidades inteiras, migraram para outras localidades em busca de condições diferentes daquelas encontradas na pátria de origem. Diversas e heterogêneas são as condições e os motivos para migrar, seja de forma temporária ou definitiva. As migrações internacionais são uma parte do processo de mobilidade humana, dentro das quais se encontra a imigração italiana para o Brasil. Segundo Gabaccia (2003), nenhum outro povo migrou em tantas direções como os italianos. Neste contexto, considera-se que esta pesquisa está inserida nos estudos sobre a imigração italiana e, de forma específica, dentro da história da educação dos imigrantes italianos.

Nas últimas décadas, a historiografia da educação internacional colocou o tema das culturas escolares no centro das atenções. Na sequência das sugestões propostas por Julia (2001), o objetivo deste texto é analisar um conjunto de atividades e exercícios escolares da escola italiana de Pelotas produzidos entre os anos de 1889 a 1910. Os documentos analisados neste texto fazem parte de um conjunto documental salvaguardado no *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri* (Arquivo Histórico das Relações exteriores – ASMAE)², em Roma. Dentre os diversos documentos salvaguardados nesse arquivo, através dos quais é possível abordar a escola

² Sobre a história, formação e constituição do *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri*, assim como a organização de seus fundos, consultar Ruggeri (1988).

italiana de Pelotas, escolheu-se, para esta análise, as fontes que fazem parte do cotidiano dessa instituição educativa. Os referidos exercícios são atividades de tradução italiano-português, contos, histórias e questões matemáticas dos alunos da referida escola.

O respaldo teórico-metodológico desta pesquisa é fornecido por autores que abordam a história da imigração italiana, os conceitos de cultura escolar, de transnacional e da *histoire croisée*. A metodologia utilizada é a análise documental proposta por Cellard (2008). Conforme o autor, para analisar documentos, é necessário integrar uma série de elementos, como, por exemplo, o contexto no qual os documentos foram produzidos, os seus autores, o tipo de documento e o modo de produção deste. Por isso, neste texto serão tecidas considerações sobre a imigração italiana e sobre o fenômeno das escolas italianas no exterior, no qual se explica a produção das fontes analisadas. Tendo em vista que se trata de um tipo de instituição específica é necessário explicar o termo “escolas italianas no exterior” : essa era a expressão utilizada pelo *Ministero degli Affari Esteri italiano* (MAE) para designar as escolas italianas que estavam fora da Itália, ou seja, do ponto de vista italiano, eram escolas no exterior, pois não estavam na Itália. Desta forma, quando, neste texto, utiliza-se essa expressão, é para designar as escolas italianas no Brasil ou em outros países e não na Itália.

Assim, para contemplar as discussões propostas, dividimos o artigo em dois tópicos acrescidos da introdução e das considerações finais. No primeiro item será apresentada uma discussão acerca da teoria que fornece bases para

a análise deste artigo, além de alguns apontamentos sobre a imigração italiana e as escolas italianas no estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Pelotas. Por sua vez, no segundo item serão analisadas as fontes mencionadas acima, nas quais torna-se possível compreender, ainda que de forma parcial, algumas das intencionalidades com o ensino nessa escola.

A imigração e as escolas italianas no Rio Grande do Sul e em Pelotas: breves apontamentos transnacionais

A imigração italiana, ao longo do tempo, adquiriu cifras numéricas muito significativas: “Entre 1876 e 1885, mais de um milhão de italianos solicitaram expatriação, mais de dois milhões o fizeram na década seguinte e mais de 4 milhões, entre 1896 e 1905” (GABACCIA, 2003, p. 68, tradução nossa). A emigração não era desconhecida dos habitantes da península Itálica; era, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência econômica e um modo de vida que se reproduziu por gerações. Entretanto, a emigração passou a ser significativa quantitativamente a partir dos anos de 1870 (GABACCIA, 2003). Entre os anos de 1870 e 1970, aproximadamente 26 milhões de pessoas deixaram a Itália e foram viver em outros países.

No Brasil, os italianos e seus descendentes instalaram-se em diversos estados. A imigração italiana especificamente para o estado do Rio Grande do Sul atendeu a interesses do Brasil e da Itália, esta procurou acompanhar a imigração através dos serviços consulares instalados nos países para onde os italianos instalaram-se e, desta forma, foram produzidos relatórios e

documentação consular (IOTTI, 2001), os quais hoje podem ser transformados em fontes para a pesquisa histórica. A imigração para este estado teve início em 1824, com a chegada de imigrantes alemães ao vale do Rio dos Sinos. Os italianos estabeleceram-se no estado, em maior número, a partir da segunda metade do século XIX. Aos poucos o Rio Grande do Sul diferenciou-se de dois modos: a região de colonização italiana e alemã, na qual predominava a pequena propriedade, o artesanato, o comércio e as atividades agrícolas, e a região da campanha, caracterizada pelas grandes propriedades com atividades de pecuária (LONER, 2001).

Tendo esse cenário em vista, Franco Cenni (2011) ressalta a diferença entre a imigração e a colonização. A primeira refere-se ao fenômeno migratório em si, o deslocamento de indivíduos de um lugar a outro, e a segunda diz respeito aos imigrantes que foram colonizar, especificamente, um lote de terra, normalmente em regiões com baixa, ou nenhuma, densidade populacional. No estado do Rio Grande do Sul, grande parte da imigração italiana ocorreu na forma de colonização, mas os centros urbanos também receberam imigrantes com outras qualificações e atribuições e de diferentes classes sociais, estes dedicaram-se a várias atividades profissionais. Neste sentido, escreve Ruggiero (2019) sobre os italianos no meio urbano de diversas cidades do Rio Grande do Sul, que estudos mais recentes sobre a imigração italiana nesse estado apontam a importância e a presença dos italianos no espaço urbano e na configuração das cidades gaúchas. Para o autor:

[...] Além de terem um grande atrativo para os imigrantes por oferecerem uma diversificação das atividades profissionais, também se tornaram locais de interesse cultural, sempre mais dinâmicos e cosmopolitas. Essas cidades mudaram seus próprios traços, se expandiram e participaram de uma mudança na estrutura da sociedade e até mesmo na sua mentalidade. No caso dos italianos, muitos centros urbanos do extremo sul do Brasil, e não apenas sua capital multiétnica, testemunharam uma dialética entre diversos componentes sociais e regionais, considerando que a população italiana era grande e heterogênea, com presença efetiva desde a início do século XIX [...] (RUGGIERO, 2019, p. 561, tradução nossa).

Neste momento, neste artigo, não é possível abordar todos os aspectos que englobam a imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, mas é necessário pontuar pesquisas atuais sobre o tema como as de Ruggiero (2019) e Conedera (2012), que lançam luzes para a presença italiana nos espaços urbanos das cidades gaúchas, assim como já delineava Constantino (1991).

Os italianos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1882 e 1914, representavam 43% da imigração no estado (CENNI, 2011). A intensidade dessa imigração foi, sobretudo, a partir dos anos de 1870. As três primeiras colônias italianas criadas no estado situaram-se nos atuais municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul, na região nordeste (LUCHESE, 2007). Outras regiões do estado também receberam imigrantes, como é o caso da chamada quarta colônia de imigração italiana, amplamente estudada por Zanini (2006). A localidade analisada neste artigo, Pelotas, na zona sul, também recebeu imigrantes italianos. A imigração e a colonização nesse espaço guardam algumas singularidades se comparadas com a região nordeste do RS.

Castro (2017) ressalta, em sua dissertação de mestrado, a diferença da imigração italiana na região nordeste do RS e na região sul, onde está o município de Pelotas. A diferença maior reside no fato de que, quando os imigrantes italianos chegaram a Pelotas, este já era um município e um espaço urbano constituído. Diversamente do que ocorreu na Serra Gaúcha, onde os italianos instalaram-se para colonizar aquela região, assim os municípios e núcleos urbanos surgiram a partir da colonização, em Pelotas, os imigrantes italianos encontraram uma cidade já formada. Embora na área rural os lotes coloniais necessitassem de povoamento, o núcleo urbano estava consolidado (CASTRO, 2017) e esse grupo étnico no município ocupou um espaço que era partilhado por outras etnias, além disso muitos italianos instalaram-se no espaço urbano em Pelotas. Assim, a pesquisa proposta neste artigo refere-se a italianos e descendentes que ocuparam o espaço urbano do município de Pelotas e frequentaram a instituição escolar dentro da sociedade italiana nessa cidade.

A imigração italiana no Rio Grande do Sul, assim como em outras regiões do Brasil, organizou uma série de instituições ligadas à nacionalidade italiana, como, por exemplo, sociedades italianas de beneficência e mútuo socorro, as quais tinham como objetivo auxiliar os imigrantes em diversos aspectos da vida no novo país. Além das sociedades também foram criadas, em diversos locais do território brasileiro, escolas italianas para os imigrantes e seus descendentes. Essas escolas foram diversificadas e heterogêneas, algumas estiveram

profundamente ligadas às sociedades de mútuo socorro e eram geridas por essas, como é o caso da escola italiana de Pelotas.

As escolas étnicas italianas que existiram no Brasil, assim como em outros países, foram uma ação do *Ministero degli Affari Esteri Italiano*, que financiava essas instituições com recursos financeiros, livros e materiais didáticos. Essas instituições responderam a interesses italianos, entre os quais potencializar ou produzir o sentimento de italianidade (LUCHESE, 2007). Luchese e Kreutz (2010) escrevem que a escola para a difusão da “italianidade” era pensada há bastante tempo. Barausse (2017, p. 45) explica que: “estes espaços escolares asseguravam o início do processo de escolarização, que tinha como objetivos, a difusão do sentimento de italianidade, junto à primeira forma de alfabetização e civilização [...]” . As escolas italianas no exterior, nome esse dado pelo ministério italiano, estavam divididas em duas categorias: as escolas governativas, que eram totalmente financiadas pelo governo italiano, e as escolas subsidiadas, que eram privadas ao interno de associações italianas, laicas ou confessionais, e recebiam subsídios do governo italiano, mas não eram geridas inteiramente pelo governo italiano, embora devessem adequar-se a programas e exigências do Ministério italiano e estivessem sujeitas à inspeção dos consulados (SALVETTI, 2002). No Brasil, assim como em toda a América, existiram as escolas subsidiadas pelo governo italiano. Essas escolas começaram a existir a partir da segunda metade do século XIX, momento da chegada da grande imigração italiana em massa, neste sentido escreve Barausse (2017) que

durante os anos de 1875 a 1915, os imigrantes deram vida às escolas italianas no exterior.

É necessário explicar ainda, mesmo que brevemente, o contexto que potencializou e possibilitou a criação de escolas italianas no Brasil. A primeira lei italiana para a emigração no exterior foi promulgada em 30 de dezembro de 1888 pelo primeiro-ministro Francesco Crispi, (BARAUSSE, LUCHESE, 2018). Durante esse período, Crispi determinou e organizou uma série de medidas que visavam atender àqueles que haviam emigrado da Itália. No que diz respeito especificamente às escolas italianas, a primeira lei foi elaborada por Francesco Crispi um ano após a lei citada acima, ou seja, em 1889 (FLORIANI, 1974). Patrizia Salvetti (2002) escreve que a concepção de Crispi via a emigração como um fator de força da nação italiana, podendo desenvolver, inclusive, o comércio externo, sobretudo nas Américas. Para a autora, Crispi inaugurou uma política de emigração inovadora.

Após as reformas propostas por Francesco Crispi no século XIX, os anos iniciais do século XX também foram particularmente significativos no que concerne ao fenômeno emigratório, com a criação do *Commissariato Generale dell'Emigrazione* (Comissariado Geral da Emigração) em 1901 e uma série de medidas voltadas para aqueles que tinham deixado a pátria italiana (D' ALESSIO, 2019). No mesmo período, as escolas italianas no exterior também receberam atenção por parte dos governantes italianos. O contexto brasileiro da época favoreceu a criação e o funcionamento dessas instituições, não somente italianas, mas também de outras nacionalidades, sobretudo pela

falta de escolas públicas. A criação das escolas étnicas esteve em consonância com a situação em que encontrava a Província do RS no que se refere ao número de escolas, ou seja, desprovida de escolas que atendessem às demandas (LUCHESE, 2010).

Decerto que essas instituições não foram criadas somente pela falta de escolas públicas. Aspectos identitários também influenciaram na conjuntura, havendo na legislação brasileira da época espaço para que esse tipo de iniciativa privada existisse. Sobre a escolarização no início da Primeira República, esclarece Jorge Nagle (2001, p. 137) que “[...] a importância da escolarização, nesse contexto, é derivada das necessidades políticas; devido a isso, e não a outros argumentos, quaisquer que sejam as formas, a escolarização ganha prestígio [...]” . Nesse sentido, no início da Primeira República no Brasil, assim como no estado do Rio Grande do Sul, a escolarização não atendia toda a população, e, dentro do contexto, tiveram espaço as iniciativas dos grupos imigratórios, assim como outras formas de escolarização. Neste ponto do texto é importante reforçar que este estudo se situa nos anos iniciais do período republicano, 1889-1910, momento no qual a população brasileira não era totalmente atendida pelas escolas públicas e com isso ganharam importância as diversas iniciativas de escolas privadas, entre as quais as escolas étnicas.

Essas escolas italianas no Brasil e, no caso desta pesquisa, especificamente em Pelotas, produziram uma cultura escolar que lhes é característica, decerto que não se pode generalizar todas as escolas italianas no país, pois essas eram bastante heterogêneas quanto as instituições

mantenedoras, mas havia a intenção de manter algumas ligações com a pátria de origem, no caso a Itália. Nesse sentido, a italianidade ganhou centralidade. Entende-se, assim, italianidade a partir dos estudos de Zanini (2006), considerando que, para a autora, a italianidade pode ser compreendida como vínculos de pertencimentos entre os imigrantes italianos e seus descendentes e a pátria italiana, a origem de seus antepassados, caracterizando-se uma construção mutável que se atualiza, se refaz e adquire contornos diversos em diferentes momentos históricos.

Não se trata de afirmar que as escolas italianas funcionaram no Brasil tal qual funcionavam na Itália. Decerto que houveram adaptações a cada contexto, às peculiaridades de cada local, entretanto, para receber os subsídios, algumas orientações teriam que ser seguidas, como, por exemplo, o uso da língua italiana, o que conferia um aspecto importante da cultura escolar dessas instituições.

Para analisar os processos imigratórios, e em específico os processos de escolarização dos imigrantes italianos com foco específico na cultura escolar das escolas italianas, um dos caminhos que podem ser percorridos no que tange ao percurso teórico-metodológico refere-se aos estudos transnacionais e da *histoire croisée*, pois “[...] em geral, a história transnacional investiga as sociedades em suas relações de interconexão transnacional [...]” (CONRAD, 2015, p. 22, tradução nossa). Fuchs (2014) explica que a ideia de transnacional surge e se desenvolve em outras áreas que não a História da Educação. Ainda, para o autor, o principal aspecto ao qual o conceito de história transnacional

refere- é que ela pode ser vista como uma extensão da história nacional quando colocada em perspectiva dentro de relações translocais. A história transnacional, como uma perspectiva de pesquisa, e suas abordagens relacionais que relativizam as perspectivas nacionais, como estudos de transferência cultural ou *histoire croisée* oferecem oportunidades para ampliar a pesquisa além de suas fronteiras atuais, que ainda são muito definidas pelos pontos de vista nacionais [...] (MAYER, 2019, p. 64). Como a *global history* e o transnacional, a *histoire croisée* também teve sua origem nos estudos de história comparada (WERNER e ZIMMERMANN, 2003), os autores são considerados precursores na proposta da história cruzada e propõem alternativas que diferem da história comparada e das transferências, segundo os autores a *histoire croisée*: “oferece novas pistas para superar o impasse no debate entre comparativistas e especialistas em transferência” (WERNER, ZIMMERMANN, 2006, p. 32, tradução nossa). O conceito de transnacional enquanto abordagem metodológica na História da Educação é utilizado por Barausse e Luchese (2018) ao analisar a educação e a identidade étnica nas escolas italianas no estado do Rio Grande do Sul. Também Ascenzi *et al* (2019) dissertam sobre essa perspectiva na História da Educação e elencam o surgimento e o uso desta categoria em alguns contextos como o britânico e o norte-americano. Conforme Lawn (2014, p. 141): “[...] outra forma de pensar a respeito do conhecimento científico é vê-lo em uma constante interconexão [...]” .

Com base nessas considerações, é possível pensar esta pesquisa e a escolha deste referencial como fio norteador. O objeto desta pesquisa situa-se em um contexto local e específico, o município de Pelotas, porém o tema remete a uma dimensão mais abrangente, que são os processos de circulação, mobilidade humana e imigração. Com isso, procura-se englobar esses aspectos mencionados, a saber, o contexto, a relação dos imigrantes italianos com outros grupos e com a própria configuração do município, a compreensão da imigração como um fator da globalização e as relações estabelecidas pelos imigrantes desse grupo étnico em Pelotas. Busca-se, neste texto, analisar as fontes a partir desses elementos, pois compreende-se que o texto seria prejudicado caso não fosse lançado um olhar amplo sobre o contexto que cerca os documentos analisados. O objetivo, assim, é enquadrar o contexto local dentro de uma perspectiva mais ampla, pois a escola italiana de Pelotas não foi uma iniciativa isolada e desconectada de outras experiências e iniciativas étnicas italianas.

Por dentro da escola italiana de Pelotas: exercícios e atividades escolares

No município de Pelotas, a imigração italiana instalou-se no espaço rural e também no urbano. Os italianos e seus descendentes criaram várias instituições, como sociedades, bandas musicais, além de jornais e revistas, também participaram no comércio, sendo proprietários dos mais luxuosos hotéis da cidade e influenciaram na arte e na arquitetura urbana (CASTRO, BARAUSSE, 2020).

Ademais, também organizaram iniciativas escolares, sobretudo, ao interno das sociedades italianas de mútuo socorro e beneficência. A primeira escola italiana de Pelotas foi fundada no ano de 1872, nas dependências da Sociedade Italiana *Unione e Filantropia* (MIGNONE, s/d), funcionando até o ano 1880 (CASTRO, BARAUSSE, 2020). Posteriormente, no ano de 1885, as duas sociedades italianas existentes, a *Unione e Filantropia* e a *Circolo Garibaldi*, uniram-se para fundar a *Società Italiane Riunite*, e, nesse contexto, a escola, no interior dessa nova sociedade, foi reaberta no ano de 1890 (CASTRO, BARAUSSE, 2020). Conforme o regulamento dessa escola: “em junho de 1890, uma escola primária com ensino de italiano será aberta nas instalações da sociedade. A escola é anexa e dependente da sociedade” (SOCIETÀ ITALIANE RIUNITE, 1890, s/p, tradução nossa). Ainda, a fins de explicar melhor, as escolas italianas em Pelotas existiram durante o período de tempo que abrange os anos de 1872 a 1938, havendo durante esses anos momentos em que as escolas foram fechadas por diversas razões e reabertas posteriormente. Assim sendo, de 1872 a 1938 é o período total da existência das escolas italianas em Pelotas.

No âmbito da cultura escolar há vários elementos permissíveis de serem analisados. Vidal em uma publicação do ano de 2005, fazendo referência ao clássico texto de Dominique Julia, originalmente publicado pela primeira vez em 1995, escreve que a cultura escolar vem sendo discutida e debatida no âmbito da história da educação há cerca de dez anos, Para Viñao Frago (1995), é mais adequado falar em culturas escolares, no plural. Para o autor, a cultura escolar é um conjunto de aspectos institucionalizados, os quais caracterizam a

escola como uma organização e possuem vários níveis. Viñao Frago (1995, p. 68) explica o termo “conjunto de aspectos institucionalizados” , o qual inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos. Para o autor, a cultura escolar é toda a vida escolar. Dentro de todas essas possibilidades de análise acerca da cultura escolar, neste artigo nos propomos a focar uma série de atividades e de exercícios escolares da escola italiana de Pelotas, através das quais é possível perceber um tipo de ensino nessas instituições escolares, bem como o que se esperava delas e, portanto, uma cultura escolar que caracterizava essa escola de Pelotas. Com isso, leva-se em conta, também, que nem todas as escolas italianas que existiram no Brasil tinham as mesmas características, não tendo esta pesquisa a intenção de fazer generalizações para outras localidades, mas estudar a escola italiana na cidade mencionada através dos exercícios escolares dos seus alunos e perceber alguns elementos do ensino nessa instituição.

De forma detalhada, são 40 exercícios escolares. A maioria destes estão identificados com os nomes dos alunos que fizeram e a idade deles, porém quase não há datas em que os documentos foram produzidos, há somente um datado de 28 de agosto de 1894. Muito provavelmente o conjunto analisado foi formado por documentos enviados ao longo de vários anos pelos representantes consulares. Para fins de compreensão, o *Ministero degli Affari Esteri italiano*, ao subsidiar as escolas italianas, como a de Pelotas, fazia um acompanhamento dessas instituições através de relatórios consulares e de

outros documentos que eram enviados a Roma, que posteriormente passaram a fazer parte do acervo do arquivo histórico do MAE.

Decerto que estes exercícios escolares não mostram a totalidade das atividades da escola, certamente foram escolhidos alguns para serem enviados ao Ministério italiano, aqueles dos quais os alunos tinham um melhor desempenho, por exemplo, aqueles que melhor atendiam as expectativas e aos interesses do Ministério italiano. Sendo assim, os exercícios escolares presentes neste conjunto são uma parte do todo, uma parcela significativa da totalidade, entretanto nos dão uma dimensão do que se ensinava nessa escola, bem como algumas das suas intencionalidades.

Para analisar esses exercícios escolares foram necessários ao menos dois movimentos, os quais estão integrados. O primeiro tratou-se de entender sobre o fenômeno das escolas italianas no exterior e as políticas do governo italiano para os que haviam emigrado para outros países; o segundo movimento foi compreender os documentos e classificá-los de acordo com uma metodologia de análise passível de organicidade e inteligibilidade. A partir disso, propõe-se uma divisão dos 40 documentos em três itens: 1) contos, fábulas e pequenas histórias, 2) traduções e 3) exercícios matemáticos. Neste texto, serão aprofundados de maneira mais enfática os dois primeiros itens. O quadro a seguir apresenta a distribuição dos 40 documentos:

Quadro 1 – Divisão das fontes analisadas no estudo.

1. Contos, fábulas e pequenas histórias	19 atividades escolares
2. Traduções	09 atividades escolares
3. Exercícios matemáticos	12 atividades escolares

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Ao estudar essa série documental de atividades e exercícios escolares compreende-se aspectos da cultura escolar desta escola, ou seja, uma parte daquilo que ocorreu no interior da instituição, não as normas prescritas, mas especificamente os conteúdos ensinados no cotidiano escolar (BUFFA, 2002). Ao analisar os aspectos da cultura escolar, assim, é possível compreender o interior de uma instituição escolar e perceber um conjunto de normas (JULIA, 2001), os objetivos e as intencionalidades das instituições.

A partir da primeira divisão dos documentos descrita acima, foi possível perceber algumas categorias de análise. Uma delas refere-se ao incentivo do que se denominou sentimento de *italianità* (italianidade). É importante frisar, neste ponto do texto, que os italianos vieram de uma Itália recém unificada e auto percebiam-se, na Itália, como vênnetos, trentinos, napolitanos, entre outros. Ou seja, o país estava unificado, mas os moradores ainda não se sentiam italianos. Gabaccia (2003, p. XIX) sustenta que a imigração italiana não criou uma diáspora, mas sim muitas diásporas temporárias e mutáveis, diásporas essas de pessoas com identidades que dificilmente se qualificavam como

italianas, por exemplo, diásporas de pessoas proveniente da Sícia, do Piemonte, do Vêneto, pois a maior parte dos imigrantes não falavam italiano, ignoravam a civilidade e o estado italiano. Assim, era improvável que estes italianos formassem uma única diáspora (GABACCIA, 2003, p. XIX), mesmo com as tentativas de unificar a população, por meio de várias instituições e políticas, as divisões regionais e culturais persistiam (BERTONHA, 2016). Ao chegarem o Brasil há uma mudança de identidade, conforme Trento (1988, p. 161-162): “A consciência de pertencerem ao mesmo país surgirá, a duras penas, somente a partir do século XX, favorecida pela consciência de se saberem estrangeiros e pela uniformidade nacional que era atribuída aos imigrantes pela opinião pública brasileira.”

A produção da *italianità* configurou-se e potencializou-se nesta conjuntura. Para Iotti (2001, p. 53), “o sentimento de italianidade surgiu no Brasil e, também, foi incentivado pelo Estado italiano, preocupado em interligar emigração, comércio e manutenção da identidade cultural [...]” . Segundo Gabaccia (2003), no Brasil, assim como em outros países para os quais os italianos emigraram, a italianidade assumiu contornos importantes, houve por parte do governo italiano, por meio dos diplomatas no exterior, um incentivo para a criação desse sentimento de italianidade, na época da unificação italiana a própria ideia de nação não estava definida: “[...] quando os habitantes da Itália deixaram sua terra natal por longos períodos ou empreenderam longas viagens, como os comerciantes genoveses, eles frequentemente partiam com seus antigos vizinhos e, em muitos casos foi a primeira oportunidade que eles

tiveram de chamar-se 'nação' " (GABACCIA, 2003, p. 06, tradução nossa). Ainda para a autora, "Na era da migração internacional, muitos estados estavam construindo sua própria nação" (GABACCIA, 2003, p. XXVII, tradução nossa), nesse sentido, completa Possamai (2010), que os imigrantes "[...] só se viram como italianos ao se contraporem às outras etnias existentes no Rio Grande do Sul" (POSSAMAI, 2010, p. 125). Como observa Bertonha (2016), era necessária a manutenção da italianidade ou a produção desta, tanto por parte de quem emigrou quanto dos descendentes. E, neste sentido, a escola foi um importante vetor para potencializar este sentimento de italianidade nos que haviam deixado a pátria e eram considerados como italianos no exterior e não mais como emigrantes.

Esse sentimento de italianidade mencionado neste texto não deve ser entendido de forma homogênea e como algo a ser alcançado de forma simples e direta, muitos eram os meios e as instituições que buscaram impulsionar a italianidade, dentre os quais se inserem as escolas italianas e os conteúdos ensinados nessas instituições. Dentro do conjunto documental analisado há muitos exercícios que buscam potencializar ou criar esse sentimento de italianidade, como, por exemplo, a produção de contos e pequenas histórias acerca da história da Itália no período pós-unificação³, e do *risorgimento*⁴ como o exemplo que se segue:

³ A unificação italiana ocorreu em 17 de março de 1861 durante o movimento do *Risorgimento*.

⁴ Movimento político italiano que procurou unificar as várias províncias italianas em um estado único, ver mais em: Banti, 2013.

Umberto di Savoia nasceu em Turim, em 14 de março de 1844, [filho] de Vittorio Emanuele II, pai da pátria, e da arquiduquesa Adelaide D'Áustria, falecida em 20 de janeiro de 1855. Ele acompanhou seu pai na guerra de independência de 1859 e participou da reorganização do reinado das Duas Sicílias, e em julho de 1862 visitou Palermo e Nápoles (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa).

Essas noções de pertencimento a uma nação unificada e as guerras pela unificação do país eram elementos utilizados para repassar as noções de italianidade aos alunos descendentes de italianos.

Ainda encontramos dois contos sobre Vittorio Emanuele II e a educação que ele recebeu. Vittorio Emanuele II foi Rei da Sardenha até o ano de 1861, quando unificou a Península Itálica e passou a ser o Rei da Itália (BERSEZIO, 1878). Há no conjunto de documentos várias referências ao Rei da Itália, considerado um símbolo da unificação italiana, e pelo que se percebe pelas fontes era desejável que os alunos, descendentes de italianos, conhecessem esses personagens como apresentado no excerto a seguir:

Primeira educação de Vittorio Emanuele. Vittorio Emanuele II, nascido em Turim em 14 de março de 1820, [...] ainda criança foi transportado para Florença, para salvá-lo da revolução de 1821. Aqui ele foi educado com o máximo cuidado no estudo da ciência e das táticas militares, e participou ativamente, como Duque de Savoia, na guerra de 1848-49, lutando bravamente em Goito.

A primeira vez que ouviu o estrondo do cânone, exclamou: esta é a música que eu gosto! (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa).

Nesses excertos percebe-se com clareza que a história da Itália era repassada para essas crianças que estudavam na Escola italiana de Pelotas. Era importante que os alunos tivessem clareza e se sentissem também italianos,

pois eram descendentes de italianos, filhos ou netos daqueles que emigraram. Como não conheciam a Itália, regra geral, era preciso que fosse ensinada a história da península, assim como os heróis nacionais. Luchese (2012) aborda as escolas italianas na difusão do sentimento de *italianità* entre os seus descendentes. A escola era uma instituição importante, seja na Península, seja no exterior, para o pertencimento de ser italiano.

Outro exercício também nos remete a essa discussão do ensino da história da Itália:

O Duque de Savoia Amadeo IX

Amadeo IX, perturbado depois de longas doenças, confiara a regência do estado ao seu consorte Violante; depois se retirou para Vercelli, a conselho dos médicos, onde o ar era mais adequado à sua saúde. Em Vercelli terminou a sua vida, atendendo a obras de piedade cristã [...] (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa).

O exercício segue contando a vida de Savoia Amadeo IX, um dos membros da Casa Savoia⁵. Como já mencionado acima, muitos dos exercícios encontrados nesses documentos referiam-se à história italiana e a Casa Savoia. Neste momento histórico, a Itália vivia seu período pós-unificação e era necessário que os habitantes da Península Itálica passassem a sentir-se italianos. A escola teve papel fundamental nesse processo, tanto a escola na Itália quanto as escolas italianas no exterior tinham essa missão, “[...] os patriotas moderados sem dúvida criaram a Itália e um estado italiano. Mas não conseguiram 'fazer os italianos', ou seja, uma nação capaz de sustentar aquele

⁵ Uma das mais antigas famílias nobres da Itália.

estado. Sem uma nação unida, o novo estado italiano não poderia ter garantia de ordem e estabilidade” (GABACCIA, 2003, p. 59-60, tradução nossa) e ‘fazer os italianos’ compreendia, também, os italianos que haviam emigrado anos atrás e estavam fora da pátria.

Ainda neste primeiro item dos contos, fábulas e pequenas histórias, destacam-se alguns excertos de atividades que fazem menção a regiões da Itália ou a nomes de pessoas italianas, sempre com elementos elogiáveis e ressaltando aspectos positivos e engrandecedores da pátria-mãe, como nesse excerto: “Em uma das mais belas cidades da Toscana, havia uma fonte que, saindo de rochedos de pedra, lançava-se em um pequeno lago, onde todos os animais eram obrigados a ir beber porque todas as outras fontes haviam secado devido ao forte calor [...]” (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa). Outro exemplo na mesma direção está reproduzido a seguir tratando da vida de um nobre italiano:

Temos um belo exemplo de sobriedade na vida de Luigi Cornaro, nascido em Veneza em 1461.

Este homem em sua juventude foi dado à intemperança de comer e beber, de modo que aos 35 anos ele havia perdido toda a saúde, nem esperava recuperá-la.

Os médicos lhe disseram: se você quiser alongar nossos dias, só há um remédio, que é a sobriedade. Luigi Cornaro ouviu-os, cuidou-se e recuperou-se perfeitamente ao fim de um ano. Sua comida era pão, carne, ovos e sopa com um pouco de vinho.

Pesava tudo e cada consumiu mais de 350 gramas de comida e 100 de vinho (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa).

Sobre esses trechos de documentos que abordam a história italiana é necessário mencionar que se tratam, por certo, de uma parte dessa história, uma parte que se elegeu para ser narrada aos estudantes dessa escola, e talvez de outras escolas subsidiadas também. As histórias contam sobre as nobres famílias italianas da época, as guerras pela unificação italiana, a bravura dos nobres que lutaram pela unificação. Certamente uma história parcial que agradaria aos dirigentes italianos da época e atenderia as exigências do ministério italiano para continuar subsidiando esta escola. Não havia menções a outros aspectos da história da península, como, por exemplo, a questão da emigração, o grande êxodo que ocorreu na Itália no final do século XIX e o impacto sociais das guerras pela unificação.

Como vem se demonstrando, para o grupo étnico dos italianos, a escola foi umas das instituições importantes para potencializar aos imigrantes e seus descendentes a italianidade. A escola foi, também, utilizada na Itália unificada como um meio de unificar os italianos. Na época da unificação italiana o país estava dividido em regiões e províncias. Os habitantes identificavam-se mais com essas regiões do que com o país unificado. Bertanha (2016) salienta que após a unificação, foi necessária a construção efetiva do estado e da nacionalidade, pois os moradores da península não se sentiam italianos, apenas 2,5% da população falava o idioma. Para isso, foram fundamentais a língua, a cultura, a literatura, o exército, a escola primária, a história e a memória histórica. Outrossim, foram criadas associações com a mesma intenção, como, por exemplo, a *Associazione Nacionalista Italiana* (1910). Iniciativas de igual teor

também surgiram no Brasil, como as comemorações e as festas nacionais italianas (BERTONHA, 2016). No período histórico da unificação italiana e da criação de uma identidade italiana houveram, como observou Bertonha, várias iniciativas e instituições importantes para se criar um pertencimento à nação italiana e isso não aconteceu somente na área geográfica da Itália, mas também nos países onde havia imigrantes italianos, tornando-se a noção de italianidade importante dentro e fora do país e muito sob responsabilidade das escolas.

Em outros contos e fábulas encontra-se, ao final, o que é chamado de “moral” . Nesse momento é explicado o que se pretendia com a atividade, conforme pode ser visto na transcrição traduzida:

As rãs e Júpiter

As rãs que habitavam um pequeno lago recomendaram-se a Júpiter para ter um rei.

Júpiter jogou-os do céu a um pedaço de madeira que, caindo naquele lago, fez com que as rãs assustadas fugissem.

Depois de alguns instantes elas saíram, e as mais ousadas começaram a pular daqui e dali e ousaram pular no pedaço de madeira. Mas, vendo que ele não se mexia e que era um bom rei, começaram outra vez a se recomendar a Júpiter, que queriam outro rei porque aquele não servia porque era bom demais. Júpiter furioso enviou-lhes uma serpente do céu que os devorou uma a uma.

Moral

Esta fábula ensina-nos que devemos contentar-nos com o nosso estado, e não procurar novidades, porque nos podem fazer mal (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução e grifos nossos).

Há outras atividades nesse mesmo modelo. Isso demonstra, por um lado, que não eram escolhidos contos e histórias aleatoriamente, mas, sim, aqueles que tinham, de um certo modo, um caráter moralizante. Nessa atividade acima,

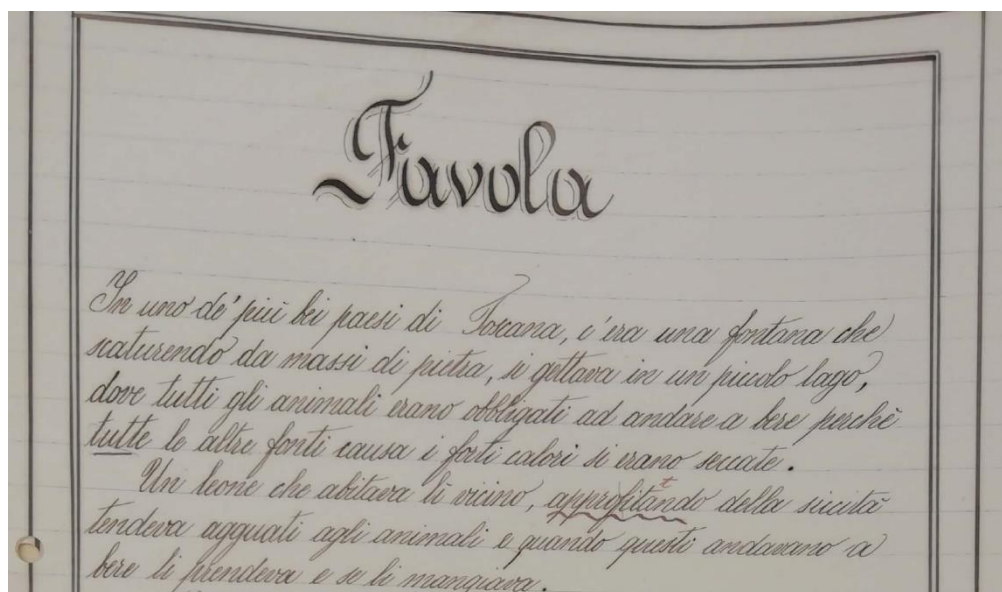
por exemplo, é escrito de forma explícita que as pessoas devem contentar-se com o seu estado, havia, também, nessas atividades uma finalidade que não somente a alfabetização. O conjunto de documentos encontrados, como já mencionado, é uma parcela dos que existiram e não se pode precisar qual era a frequência com que esse tipo de atividade era realizado na escola, entretanto, como esses foram os exercícios enviados ao Ministério italiano, podem representar aquilo que o governo italiano esperava do ensino nessa escola, assim como nas demais subsidiadas pelo estado italiano. Certamente escolhas conscientes foram feitas no momento de enviar esses documentos a Roma, por meio do consulado italiano, com o intuito de mostrar que a escola estava comprometida com a italianidade e mereceria continuar com o recebimento de subsídios.

O segundo item na divisão que este artigo propôs para o conjunto dos 40 documentos refere-se às traduções que eram realizadas pelos alunos, o que mostra a intencionalidade de demonstrar ao Ministério italiano que havia uma preocupação com a integração dos dois idiomas. Ao mesmo tempo em que era uma escola italiana, subsidiada pelo governo italiano, com livros e materiais enviados pela Itália, e, por consequente, era priorizado o idioma italiano, era, também, importante que o português estivesse dentro do cotidiano dessa instituição, pois as crianças viviam na sociedade brasileira e era necessário o domínio do português para a vida. Ao mesmo tempo em que os alunos eram considerados italianos pelo governo italiano, eram também brasileiros, já que haviam nascidos no Brasil, daí a importância de integração entre os dois

idiomas, pois “observa-se que o Brasil ou, mais especificamente, o Rio Grande do Sul é a segunda pátria, enquanto a primeira continua a ser a Itália [...]” (CONSTANTINO, 1991, p. 158-159). Dentro dessa perspectiva trazida pela autora, compreende-se que os italianos, ao mesmo tempo em que se adaptavam à nova pátria, no caso, o Brasil, também mantinham alguns laços com o país de origem. O próprio idioma italiano também deveria ser ensinado a essas crianças, pois seus familiares quando emigrados, possivelmente, muitos deles, expressavam-se nos diversos dialetos e não no idioma italiano propriamente dito, como discutido anteriormente.

Nos exercícios deste conjunto é possível notar que há correções do professor na grafia de alguns exercícios, o professor corrige quando os alunos cometem erros de grafia com o italiano.

Figura 1 – Recorte de um exercício escolar da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



Fonte: SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

O exercício acima, no qual as traduções são revisadas, foi escolhido entre os demais que existem no conjunto documental. Por questões de espaço não é possível, e nem mesmo necessário, colocar todos os documentos aqui, o que interessa é pontuar que era constante nesses exercícios a correção do professor na escrita do idioma italiano.

Ainda nesse assunto das traduções, reproduz-se abaixo a transcrição literal de uma dessas traduções que constam no conjunto de documentos analisados:

Quadro 2 – Transcrição literal de uma tradução da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].

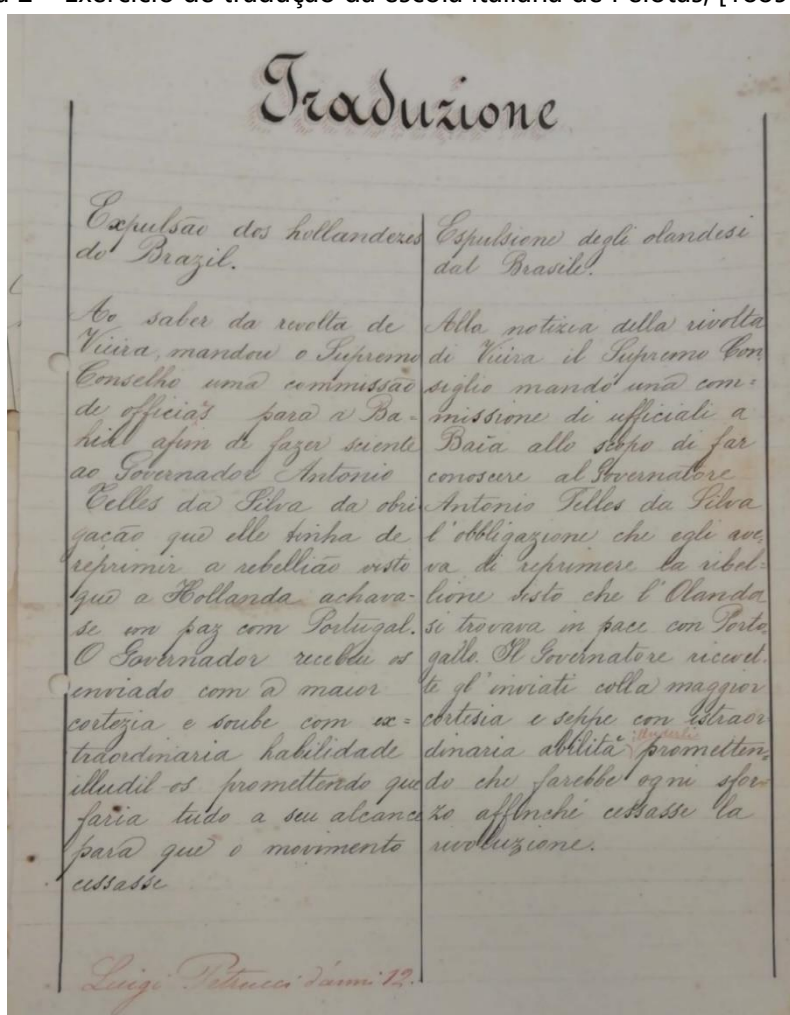
Traduzione	
Esta planta é única na sua espécie	Questa pianta è unica nella sua specie
Christina e Sophia são duas senhoras interessantes	Cristina e Sofia sono due signore interessante
Qual d' estes senhores é o seu primo?	Quale di questi Signori è suo cugino?
A Itália é o jardim da Europa	L' Italia è il giardino dell' Europa
De quem é aquelle livro?	Di chi è quel libro?
O primo e a prima não tinham talher	Il cugino e la cugina non avevano posata
Elles terão uma garrafa de vinho	Eglineno avranno una botiglia di vino

Meu sobrinho e minha sobrinha não tinham copos	Mio nipote e mia nipote non avevano bicchieri
--	---

Fonte: SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

Algumas dessas traduções abordavam a história do Brasil, as traduções apresentavam-se da maneira como podemos ver abaixo:

Figura 2 – Exercício de tradução da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



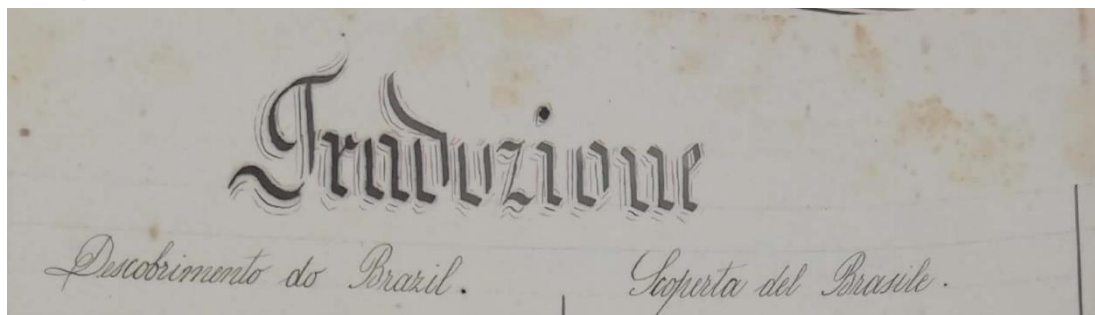
Fonte: SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

Como pode ser notado, as traduções tinham duas formas. A primeira forma era composta de frases mais curtas e com a estrutura gramatical mais

simples, a qual era realizada por alunos menores, conforme a figura 01 deste artigo. A segunda forma eram textos maiores e realizados por alunos maiores, 12 anos de idade, conforme pode ser visto na imagem 02, o que pode ser indicativo de que as atividades de traduções de textos completos eram realizadas por alunos maiores já alfabetizados, pois é uma atividade que necessita de maior domínio da escrita e leitura.

Em outra tradução, todas seguem a mesma lógica da citada anteriormente de que os alunos maiores traduziam textos completos e os menores apenas frases. O texto intitula-se “Descobrimiento do Brasil” , como no exercício anterior esse também foi realizado por um aluno de 12 anos de idade.

Figura 3 – Recorte de uma tradução da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



Fonte: SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

Nos exercícios de tradução, os assuntos não se referem somente a aspectos da história italiana, mas também a alguns aspectos da história do Brasil. Aqui, o objetivo não é analisar o conteúdo dessas traduções, as quais, em outro momento merecem ser analisadas separadamente. Neste texto interessa pontuar a forma como esses exercícios foram realizados.

Outro ponto interessante refere-se à idade dos alunos que realizaram essas atividades, que abrangiam uma faixa etária entre de 7 a 12 anos. Ao analisar todos os exercícios deste conjunto é possível notar que para cada idade dos alunos eram propostas algumas categorias de atividades a serem realizadas, como, por exemplo, as traduções diferenciadas para alunos para as diferentes idades. Quanto à faixa etária dos alunos de 7 a 12, essas escolas, regra geral, concentravam-se, com algumas poucas exceções⁶, no ensino primário. A partir do regulamento da escola de Pelotas nota-se com qual idade os alunos poderiam frequentar a escola, “Art. 04. Todas as crianças italianas podem frequentar a escola, no sentido indicado no art. 6º do estatuto. Como a escola é mista, são admitidos tanto os meninos de até 14 anos quanto as meninas até a idade de 12 anos” (SOCIETÀ ITALIANE REUNITE, 1890, s/p, tradução nossa). Cada escola italiana poderia possuir o seu regulamento. A partir do regulamento da escola italiana de Pelotas, instituído no ano de 1890, consegue-se identificar o funcionamento interno da escola nessa época, quais eram as lições diárias e como estavam organizadas, conforme é possível observar, as aulas:

A escola é aberta todos os dias, exceto aos domingos e feriados nacionais e brasileiros, das 9h às 12h e da 1 às 3 da tarde.

Às quintas-feiras, a escola será aberta apenas pela manhã.

De manhã, são ensinadas aulas de italiano (leitura, redação, gramática, composição etc.) elementos aritméticos, geografia e história. À tarde, os alunos se candidatarão ao cumprimento de suas funções sob a supervisão de um repetidor (Tradução nossa).

⁶ Como o instituto Médio *Cristoforo Colombo* em Santa Maria (CASTRO, BARAUSSE, 2019) e o Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Augusto Menegatti em Porto Alegre (RECH, LUCHESE, 2018).

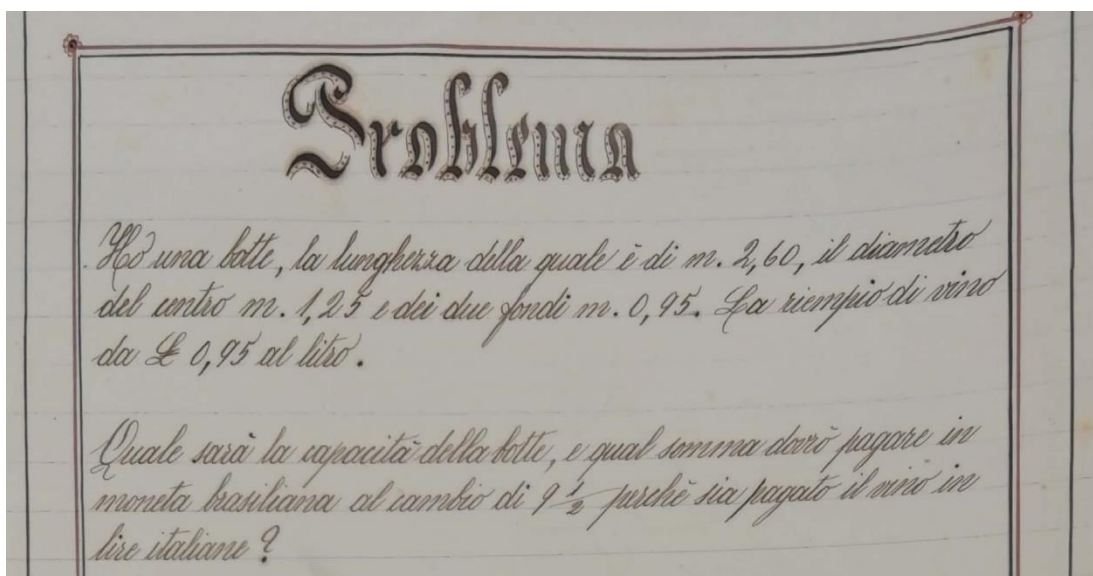
Art. 11. A comissão também poderá estender o programa escolar, introduzindo, se necessário, a ginástica, o desenho etc.

Art. 12. O material escolar pertence à sociedade. Os livros fornecidos pelo Governo serão distribuídos gratuitamente aos alunos: no entanto, eles têm a obrigação de devolvê-los ao professor quando deixarem de frequentar a escola. Os outros livros, papel, canetas etc. continuam a ser da responsabilidade de cada aluno (SOCIETÀ ITALIANE RIUNITE, 1890, s/p, tradução nossa)

A partir desse regulamento interno, podemos notar o programa escolar. Os exercícios encontrados, em grande medida, estão em consonância com o regulamento interno da escola, ou seja, fazem referência à história da Itália, a figura do rei, da casa Savoia, inserindo-se, desta forma, dentro do contexto da criação da ideia de italiano e italianidade. Além disso, havia atenção ao idioma italiano, como posto no regulamento acima, exercícios de leitura, redação e gramática italiana. As traduções, por sua vez, trazem a dimensão da importância de que esses filhos de imigrantes italianos compreendessem o idioma italiano ao mesmo tempo em que estivessem, também, integrados à sociedade brasileira. Como mencionado, uma terceira série documental refere-se aos exercícios de matemática, que estão divididos entre exercícios mais básicos, ainda na fase inicial de alfabetização, e outros mais complexos, para os mais adiantados. Mesmo os exercícios matemáticos também traziam elementos que relembavam a Itália, como, por exemplo, a conversão da moeda brasileira da época para a lira italiana⁷, como o exercício que se segue:

⁷ A lira foi a moeda italiana até o ano de 2002 quando se passou a adotar o euro como moeda oficial.

Figura 4 – Trecho de um exercício matemático da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



Fonte: SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS in ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. scuole sussidiate Pelotas.

Eu tenho um barril, cujo comprimento é 2,60 m., o diâmetro do centro 1,25 m. e os dois fundos 0,95 m. Encho-o com vinho a partir de & 0,95 por litro.

Qual será a capacidade do barril e que quantia terei que pagar em moeda brasileira ao câmbio de $9\frac{1}{2}$ para que o vinho seja pago em liras italianas? (SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS, [1889-1910], s/p, tradução nossa).

Outros exercícios matemáticos também seguem essa mesma lógica de conversão da moeda italiana para a brasileira e vice-versa. Esse conjunto de exercícios é todo assinado por alunos de 10 e 11 anos de idade. Nesses exercícios matemáticos, é possível notar que havia sempre alguma maneira de relacionar as atividades com algum aspecto que envolvesse a Itália, neste caso há uma recorrência em exercícios que pedem a conversão da moeda brasileira para a moeda italiana, exercícios que buscam comparar o preço de artigos na Itália e no Brasil.

Considerações finais

Entende-se como fundamental compreender os percursos e processos escolares dos grupos étnicos que vieram para o Brasil. Neste sentido, o presente estudo teceu considerações sobre a imigração italiana, sobretudo no final do século XIX e início do XX, em diálogo com a área da história da educação dos imigrantes italianos. De forma específica, esta pesquisa teve como objetivo analisar uma série de exercícios escolares, produzidos na escola italiana de Pelotas entre os anos de 1889 a 1910, sob o viés da cultura escolar. Esses exercícios foram enviados ao *Ministero degli Affari Esteri* e hoje encontram-se salvaguardados no arquivo do ministério, na Itália, junto com outros documentos das escolas de Pelotas, assim como de outras escolas italianas no Brasil e em várias outras partes do mundo.

A partir dessas fontes, foi possível perceber, ainda que de forma parcial, alguns aspectos da cultura escolar dessa instituição. Para isso, foram mobilizados autores que abordassem tal conceito. O texto também procurou contextualizar as políticas do governo italiano para essas instituições escolares a fim de compreender o que acontecia a nível local na escola italiana de Pelotas. As escolas italianas no exterior não foram atividades isoladas em um ou outro município, mas, sim, instituições reguladas pelo governo italiano através das representações consulares em vários países para os quais os italianos emigraram e, dessa forma, muitas são as possibilidades de análise dentro da temática das escolas italianas.

Os exercícios escolares deste conjunto de documentos analisado trazem uma dimensão daquilo que era ensinado em Pelotas e, também, do que se esperava dessas instituições. Decerto que os exercícios analisados não eram todos aqueles realizados na escola, mas, sim, uma parte. Do estudo desses materiais, a partir do referencial teórico escolhido para fornecer sustentação à pesquisa, despontaram elementos importantes que nos indicam alguns dos objetivos dessa instituição, como a italianidade e a noção de pertencimento a uma pátria longínqua.

Esta pesquisa analisou os documentos a partir de uma perspectiva transnacional, sem, no entanto, menosprezar os aspectos locais. Busca-se, assim, integrar esses dois espaços para analisar as fontes de pesquisa encontradas, não se tratando somente de contextualizar os documentos encontrados, mas, sim, de estudá-los à luz dos acontecimentos locais, nacionais e transnacionais. Desta forma, ao analisar a escola italiana de Pelotas, sob o viés da cultura escolar, a colocamos dentro de um panorama mais amplo que compreende a ação do governo italiano para os italianos fora da pátria, ações essas que eram dirigidas, também, às questões escolares e educacionais.

Assim, a principal contribuição deste artigo para a área em que se situa, a história da educação dos imigrantes italianos, é a de analisar alguns documentos do interior da escola italiana de Pelotas e com isso identificar alguns elementos interessantes de como funcionava a escola no seu interior, no seu dia-a-dia. Esses estudos centrados especificamente em documentos produzidos no interior das instituições escolares são difíceis de serem

encontrados, também, pelas dificuldades em localizar esse tipo de documento. Por esse motivo, considera-se a relevância desta pesquisa que teve como foco os exercícios escolares da escola italiana de Pelotas. Além disso, o artigo abordou, ainda que não fosse o seu objetivo principal, a relação estabelecida entre as escolas italianas subsidiadas no exterior e a produção de uma identidade italiana, a qual se chama italianidade.

Com a análise dos documentos mobilizados para este artigo, é possível delinear algumas conclusões, as quais não tem a intenção de serem generalizantes. A escola italiana de Pelotas ao receber subsídios do governo italiano para o seu funcionamento deveria seguir algumas determinações, entre elas o envio de documentos ao Ministério italiano por intermédio do consulado italiano de Porto Alegre. Através de alguns desses documentos foi construída a presente pesquisa, na qual nota-se a importância que adquiriu no contexto da escola de Pelotas o ensino do idioma italiano aliado ao idioma português, as traduções de um idioma a outra nos dão a dimensão da integração dos dois idiomas, pois por ser uma escola italiana era necessário o uso do idioma italiano e por estar situada no Brasil era importante que tivessem o conhecimento do português. Outro ponto relevante refere-se a alusão nas atividades escolares de elementos que referenciam à Itália, as famílias da nobreza italiana da época e as regiões italianas. Por se tratar de uma escola que recebia financiamento do governo italiano esses elementos de ligação com a pátria italiana eram necessários e desejados, inclusive nos exercícios matemáticos, como mencionado, a menção à Itália era realizada a partir de atividades que envolviam

a conversão da moeda italiana para a brasileira e vice-versa. A italianidade foi, além de um discurso que deveria ser potencializado, uma prática que envolvia as atividades no cotidiano da escola italiana de Pelotas.

Referências

ASCENZI, Anna *et al.* History of education and migrations: crossed (or connected or entangled) histories between local and transnational perspective. A research «agenda». *History of Education & Children' s Literature*, vol. XIV, n. 2, p. 227-262, 2019. Disponível em: < <http://www.hecl.it/>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

BANTI, Alberto Mario. *Il risorgimento italiano*. Gius. Laterza & Figli Spa, 2013.

BARAUSSE, Alberto. Chamas da educação nacional e do sentimento pátrio: as escolas italianas no Rio Grande do Sul da colonização ao final do século 19 (1875-1898). *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 41-85, 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/issue/view/2822/showToc>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Education, ethnic identity, and memory in the Italian ethnic schools of South Rio Grande (1875–1902). *Paedagogica Historica*, v. 54, p. 1-16, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/toc/cpdh20/current>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BERSEZIO, Vittorio. *Il regno di Vittorio Emanuele II: Trent'anni di vita Italiana*. Roux e Favale, 1878.

BERTONHA, José Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2016.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI, Décio Júnior (Ed.). *A História da Educação em*

Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, Autores Associados, 2002. p. 25 – 38.

CASTRO, Renata Brião de. *A Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero na Colônia Maciel – Pelotas (RS) (1928 – 1950): grupo local e etnia*. Dissertação (Mestrado em Educação), Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2017.

CASTRO, Renata Brião de. BARAUSSE, Alberto. “Una società senza scuola è un corpo senz’ anima” : as escolas italianas de Pelotas/RS mantidas pelas sociedades de mútuo socorro no século XIX. *História da Educação*, v. 24, p. 1-32, 2020. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/archive>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CASTRO, Renata Brião de. BARAUSSE, Alberto. Scolarizzazione e italianità nel Brasile meridionale: le scuole elementari italiane a Pelotas (Brasile) nella seconda metà dell’ Ottocento. In: FALDINI, Luisa (Org.). *Viaggio brasiliano: storie, forme, luoghi. Confronti interdisciplinari*. Edizioni del Gattaccio: Milão, 2020, p. 291-308.

CASTRO, Renata Brião de; BARAUSSE, Alberto. Transnacionalidade e ensino: a trajetória de Umberto Ancarani entre a Europa e o Brasil nas escolas italianas no exterior. In: Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, 24., 2019, Bagé. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://asphers.blogspot.com/>>, acesso em 07 maio. 2020.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (Ed.). Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295 - 316.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: “Andiamo in’ Merica”*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Imigração e trabalho: a presença italiana em Porto Alegre, no pós-guerra (1946 – 1976). *MÉTIS: história & cultura*, v. 11, n. 22, p. 81-96, 2012.

CONRAD, Sebastian. *Storia globale: un' introduzione*. Roma: Carocci Editore, 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.

D' ALESSIO, Michelina. Preparatory courses addressed to «special» teachers for training Italian migrants in the early twentieth century. *History of education & Children' s Literature*, vol. XIV, n. 2, p. 491-508, 2019. Disponível em: <<http://www.hecl.it/>>. Acesso em 04 mai. 2020.

FLORIANI, Giorgio. *Scuole italiane all'estero: cento anni di storia*. Roma: Armando Editore, 1974.

FUCHS, Eckhardt, History of Education beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. *In: BAGCHI, Barnita, FUCHS, Eckhardt, ROUSMANIERE, Kate (orgs.). Connecting histories of education: transnational and cross-cultural exchanges in (post)colonial education*. Ney York/Oxford: Berghahn Books, 2014.

GABACCIA, Donna R. *Emigranti: Le diaspore degli italiani dal Medioevo a oggi*. Torino: Einaudi, 2003.

IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-44, 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

LAWN, Martin. Um conhecimento complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 14, n. 1 34, p. 127-144, 2014.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora Universitária: Unitrabalho, 2001.

LUCHESE, Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na região colonial italiana, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de História da Educação*, v. 11, n. 02, p. 667 – 679, 2012. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/962/showToc>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LUCHESE, Terciane Ângela. Escolas étnico-comunitárias italianas mantidas por Associações de Socorro Mútuo: circulação e produção cultural da “italianità” . In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5., 2010, Caxias do Sul. Anais eletrônicos... Disponível em:< https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico3/Escolas_etnico_comunitarias_italianas_mantidas.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. *Revista História da Educação*, v. 14, n. 30, p. 227-258, 2010. Disponível em:< <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/28920>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

MAYER, Christine. The Transnacional and Transcultural: Approaches to Studying the Circulation and transfer of Education Knowledge. In: FUCHS, Eckhardt; VERA, Eugenia Roldán (orgs.). *The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2019, p. 49-68.

MIGNONE, Giovanni. Carta do Presidente da Societá Italiana Riunita Giovanni Mignone al Presidenti dei Ministri Francesco Crispi, s.d. In: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

POSSAMAI, Paulo César. Voando com o leão alado de são marcos: a invenção do talian no Rio Grande do Sul. *História em Revista*, Pelotas, v. 16, n. 16, p. 15 - 133, p. 2010.

RECH, Gelson; LUCHESE, Terciane. *Escolas Italianas no Rio Grande do Sul: pesquisa e documentos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

RUGGERI, Stefania. *Inventario della <<serie D>> (Direzione dell'Archivio Storico)*. Roma: Istituto PoliGrafico e Zecca Dello Stato, 1988.

RUGGIERO, Antonio de. Italians in the cities of Rio Grande do Sul: social networks and ethnic associationism (1870-1914). *History of Education & Children' s Literature*, V. 2, p. 559 – 581, 2019. Disponível em: <<http://www.hecl.it/>>. Acesso em 21 jan. 2019.

SALVETTI, Patrizia. Le scuole italiane all'estero. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina, FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana: arrivi*. Roma: Donzelli, 2002, p. 535-549.

SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS. Attività scolastica della scuola italiana in Pelotas. In: ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

SOCIETÀ ITALIANE REUNITE. Regolamento interno per la scuola italiana di Pelotas, 1890, allegato alla lettera di Acton a Marefoschi, 21 agosto 1890. In: ASDMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leituras e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista de Educación*, Madrid, n. 306, p. 245 - 269, 1995. Disponível em: <redined.mecd.gob.es/xmlui/handle/11162/70501>. Acesso em 09 jul. 2015.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade, *Revista textos de história*, v. 1, n.1/2, p. 89-127, 2003.

ZANINI, Maria C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria - RS*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.